

BOLIVIAN SYNDICATE

Companhia organizada em Londres em 1901 para estabelecer a colonização boliviana no território do Alto Acre. Foi a última cartada da Bolívia para efetivamente incorporar a seu território a região do Alto Acre, que se tornaria parte do território brasileiro por força do Tratado de Petrópolis, firmado em 17 de novembro de 1903, e hoje constitui o estado do Acre.

BOLÍVIA: DO SALITRE À BORRACHA

Após a independência, a Bolívia experimentou um curtíssimo surto econômico como resultado da demanda externa por salitre. Salitre era a única forma de se obter nitrogênio fixado, que era utilizado na fabricação de explosivos e de adubo. Ou seja, era um produto que influenciava dois dos componentes principais do Estado moderno: comida e guerra.

A expansão salitreira pode ser entendida como fruto da extinção das reservas de guano do Peru a partir da década de 1860, baseadas na extração de excrementos de pássaros depositados nas rochas de suas ilhas oceânicas. A região do deserto do Atacama (Norte Grande), na confluência entre Peru, Bolívia e Chile provou possuir as únicas reservas de salitre economicamente viáveis, fornecendo assim um substituto ao cada vez mais escasso guano peruano. Três fatores concorreram para isso: o tamanho das reservas, sua pouca profundidade e o fato de que os depósitos estavam localizados relativamente próximos uns dos outros. Nenhuma outra região possuía tais características e, até a década de 1930, quando da descoberta do processo de fixação de nitrogênio em laboratório (Haber-Bosch), deserto do Atacama gozaria de um monopólio virtual. Por conta da disputa por seu controle, em 1880 Peru e Bolívia iniciaram uma guerra contra o Chile da qual saíram perdedores. Como resultado do que se convencionou chamar de Guerra do Pacífico, o Chile incorporou importante território ao norte de suas fronteiras, e Peru e Bolívia perderam dessa forma os frutos econômicos que o salitre proporcionaria somente ao Chile nos 50 anos seguintes. Para piorar, a Bolívia ainda perdeu o acesso ao mar.

Sem acesso ao oceano Pacífico, a alternativa era voltar-se para dentro. O ciclo da borracha começara em 1870 principalmente na Amazônia brasileira, mas Peru e Nova Granada (Colômbia) também mostraram possuir significativas reservas de borracha em seus territórios. Como a floresta amazônica também cobria parte de seu território, era natural que a Bolívia também viesse a desfrutar do *boom* econômico da borracha. O problema foi que novamente o país iria esbarrar na oposição de vizinhos mais poderosos e tenazes.

Inicialmente, a extração da borracha encontrava-se na região do Putumaio, onde as

fronteiras ainda não estavam completamente demarcadas. Essa falta de jurisdição clara levou a novas disputas territoriais em consequência da expansão da produção e do comércio da borracha. No Putumaio, o Peru contou com a vantagem de ter chegado primeiro, já que pôde dispor das rendas provenientes do guano para sustentar seus interesses na Amazônia. Assim, o governo peruano firmou ali uma posição estratégica através da construção de portos, regulação do comércio, definição de direitos de propriedade, subvenção de navegação fluvial etc. Iquitos iria se tornar o principal porto de escoamento da borracha peruana e ponto de contenção de interesses estrangeiros na região. A Colômbia também se mostrou bastante diligente no controle da região do Putumaio, estabelecendo uma política colonizadora. Não dispunha de recursos financeiros nem de estabilidade política para vencer a queda-de-braço com o Peru, mas logrou, ao fim, anexar o Alto Putumaio e Caquetá. Já o Equador não possuía sequer vontade política para aumentar ou sustentar suas demandas territoriais na região, uma vez que sua economia estava toda voltada para o comércio de cacau que se desenvolvia na costa do Pacífico.

Como o Brasil possuía a maior parte da Amazônia e como as suas reservas de borracha se mostraram de melhor qualidade, a expansão peruana foi contida pela oposição brasileira, que contou com enormes rendas provenientes da expansão gomífera. O desenvolvimento da borracha na Amazônia brasileira foi dessa forma importante para consolidar a jurisdição brasileira baseada nos acordos de limites que haviam sido estabelecidos entre Portugal e Espanha nos tempos coloniais. Havia, por certo, disputas em torno de quais tratados eram válidos e quais não o eram, mas no final prevaleceria a posição brasileira fundamentada no *uti possidetis de facto*, ou seja, na jurisdição *de facto*. Assim, a colonização brasileira da região do alto Solimões, fruto da expansão gomífera, sustentou as demandas brasileiras ao mesmo tempo que limitou a expansão peruana na região.

A expansão brasileira foi entretanto mais persistente e mais forte na região do Acre boliviano. O Alto Acre possuía extensas reservas de borracha (provenientes principalmente da árvore *hevea brasiliensis*) que se encontravam em maiores concentrações do que, por exemplo, as observadas na Amazônia brasileira. Ali a expansão da produção de borracha por brasileiros não iria encontrar a mesma oposição que encontrara na região do Putumaio. Para piorar a situação da Bolívia, as fronteiras estavam ainda desmarcadas, e não havia quaisquer indicações geográficas que pudessem facilitar a localização dos seringueiros e seringalistas. Claro, a expansão foi tanta que após certo tempo não havia mais dúvida de que brasileiros estavam explorando borracha dentro do território boliviano, ainda que pagassem impostos sobre a borracha exportada apenas para os governos provinciais/estaduais brasileiros. A colonização boliviana na região era muito escassa, e a exploração da borracha se encontrava nas mãos de poucas casas produtoras de borracha

restritas sobretudo ao rio Beni.

Na Bolívia, a extração de borracha se tornara comercialmente viável após a exploração do baixo rio Beni pelo americano Edwin R. Heath, que confirmara em 1880 que esse rio desaguava no rio Madeira. Apesar de haver várias quedas d'água no rio Madeira, mercadorias (em especial a borracha) podiam ser canalizadas do chamado Oriente boliviano para Manaus, Belém e, a partir daí, para a Europa e os Estados Unidos. O Oriente era abundante em *heveas*, em especial na parte adjacente às fronteiras não demarcadas com o Brasil, exatamente onde iriam surgir os dois maiores produtores de borracha bolivianos: António Vacas Díez e Nicolás Suárez. António Vacas Díez estabelecera alguns seringais na região em 1876, e pôde assim tirar proveito de sua posição estratégica na principal hidrovia para o Atlântico. Entretanto, em 1890, encontrava-se pouco capitalizado, e assim foi para a Europa à procura de capitais, sendo bem-sucedido tanto em Paris quanto em Londres. Em 1º de fevereiro de 1897, a Orton (Bolívia) Rubber Co. Ltd foi oficialmente registrada em Londres. Vacas Díez morreu apenas quatro meses depois (exatamente quando voltava da Europa) e, devido a grandes dívidas, sua companhia foi passada integralmente para a Casa Suárez, que era sua maior credora. Nicolás Suárez se estabelecera no Oriente boliviano em 1881. Assim como Vacas Díez, também recorrera à Inglaterra para se capitalizar e, com a ajuda de seu irmão mais velho, que era o cônsul-geral da Bolívia em Londres, lançara a F. Suárez & Co. Essa estreita ligação com o Reino Unido fez com que a totalidade da produção da Casa Suárez fosse enviada para lá durante o ciclo da borracha (1870-1910).

A DISPUTA PELO ALTO ACRE

Devido à preocupação com a jurisdição boliviana no Acre, houve várias tentativas por parte dos diversos governos bolivianos de produzir movimentos migratórios para a região. Essa preocupação se mostrou logo cedo. Em 1832, o Congresso boliviano criou a província de Utuquis e ofereceu uma concessão de colonização ao major argentino Manuel Luis Oliden. Como não havia comunicação efetiva com a região agraciada, já que as principais artérias fluviais se encontravam fechadas do lado brasileiro da fronteira, o empreendimento do major Oliden não vingou. Em 1870, o governo boliviano autorizou um empreendimento americano organizado como Colonization and Commercial Company of Bolivia a atrair colonos para a região do Alto Acre. Esse empreendimento não foi porém bem-sucedido, e um ano mais tarde foi desfeito como resultado da mudança de presidente da Bolívia. Em 1880, outro empreendimento colonizador na região foi organizado por Francisco Javier Brabo, que procurou em vão capitalizar uma empresa em Londres que se propunha introduzir cem mil colonos no Oriente boliviano num período de dez anos, construir rodovias cruzando o Chaco, estabelecer arsenais no rio Beni e manter navios a

vapor armados no rio Mamoré.

Esses e outros empreendimentos colonizadores pouco fruto deram, e a região foi sendo mesmo mais intensamente povoada em consequência da expansão da produção de borracha. Havia três rotas (fluviais) de penetração. A primeira se iniciava em La Paz e passava por Sorata ou por Yungas, distanciando-se dos Andes e encontrando-se com o rio Beni. Essa foi a rota usada preferencialmente pelos encarregados do governo boliviano que vinham da zona andina. A segunda rota se iniciava em Santa Cruz e se utilizava do rio Grande para chegar no rio Mamoré e continuar na direção norte, alcançando Trinidad e Riberalta. Essa foi a corrente de penetração humana que teve maior êxito econômico. Por fim, a terceira via partia de Cochabamba, entrando pelos rios Mateo e Chapare até encontrar os rios Mamorecillo e o Mamoré, de onde se podia continuar até as regiões que se queria explorar. Dessa rota se originou a maior parte da mão de obra indígena e mestiça para a extração de borracha.

A expansão do povoamento boliviano na região do Alto Acre foi dificultada por dois motivos principais. Primeiramente havia o componente geográfico, isto é, a dificuldade de acessar a região partindo dos principais centros populacionais do país. Ademais, o desnível geográfico da bacia do Mamoré-Madeira fazia com que parte dessa região fosse mais facilmente acessível a partir do território brasileiro. Brasileiros avançaram de fato na região a partir do estado do Amazonas, gerando um fluxo migratório que, assim como o boliviano, também foi inteiramente originado pela expansão gomífera. José Rodrigues Cametá, Serafim Salgado e Manuel Urbano da Encarnação ficaram conhecidos como os 'Bandeirantes do Purus', abrindo caminhos e promovendo ensaios de colonização. Em 1887 já havia na região uns dez mil brasileiros, e em 1898 algo como 60 mil brasileiros já haviam adentrado o Alto Acre.

Com o tempo, a exploração brasileira em terras bolivianas começou a gerar conflitos. Tentativas de negociações de limites já se haviam iniciado em 1834 por parte do governo boliviano de Andrés Santa Cruz. O Brasil recusou a negociação com base no desconhecimento da causa. Em 1844, a Bolívia novamente tentou, em vão, negociar um acordo com o Brasil que pudesse criar jurisdição boliviana na região do Acre. Em 1851 foi a vez de o Brasil mandar uma legação à Bolívia, mas a desorganização política desse país não permitiu que as negociações caminhassem. Em 1863 as negociações foram retomadas em Oruro, mas divergências em torno do princípio do *uti possidetis de facto* impediram qualquer acordo. Finalmente, em 1867 o primeiro tratado entre as duas nações foi assinado. De um lado, a Bolívia queria garantir acesso ao oceano Atlântico, e do outro, o Brasil queria garantir a neutralidade da Bolívia durante a Guerra do Paraguai. Nesse tratado, a Bolívia concordou com o princípio do *uti possidetis de facto*, oficializando todas as

possessões brasileiras que havia na região em disputa. Em troca, a Bolívia garantiu o controle de cinco portos no rio Paraguai e o acesso de possíveis navios de guerra bolivianos através da Amazônia brasileira. De qualquer forma, o tratado ainda garantia a posse do Alto Acre ao governo boliviano. Tal tratado foi, no entanto, rejeitado pelo governo brasileiro em 1883, e novos tratados, em 1887 e 1896, esbarraram no Congresso brasileiro, que não os ratificou.

De forma a garantir o domínio sobre o Alto Acre, em 1898 a Bolívia resolveu enviar tropas para a região e fundar uma estação fiscal em Puerto Acre. A imposição de uma tarifa de exportação sobre a borracha de 30% *ad valorem* enfureceu os seringueiros brasileiros, que se rebelaram e, com a ajuda do governo do estado do Amazonas, tomaram controle do Alto Acre. Em 1899, Luis Galvez proclamou a República do Acre e propôs sua anexação à República brasileira. Enfrentando protestos bolivianos, o governo brasileiro resolveu recusar a proposta. De qualquer forma, Galvez resolveu impor uma tarifa de 20% sobre a borracha local, enfurecendo mais uma vez os seringueiros da região e perdendo o apoio do governo do Amazonas, que almejava tais recursos para si. Galvez foi substituído por Sousa Braga, mas a República do Acre não durou muito, sendo retomada pela Bolívia em 1900. Tentativas amazonenses de novamente tomar o controle sobre a área em disputa falharam, e parecia que o Alto Acre permaneceria mesmo sob jurisdição boliviana.

Entretanto, como forma de estabelecer colonização boliviana e gerar *uti possidetis de facto*, o governo boliviano resolveu negociar a criação do Bolivian Syndicate. Apesar de ter sido organizada em Londres em 1901, a companhia tinha na diretoria um primo do presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, e o capital era majoritariamente americano. O capital autorizado montava a cinco milhões de libras e deveria ser vendido a investidores em troca de um aluguel de 30 anos do território do Alto Acre. O Syndicate estava autorizado a administrar o Alto Acre, a recolher impostos, a estabelecer uma polícia, a criar rede de esgoto e outros serviços públicos e a construir ferrovias, portos e outras instalações para comunicação.

A incorporação da companhia gerou feroz oposição de brasileiros, que temiam que a região se tornasse uma nova África, onde as *chartered companies* abriram caminho para o futuro controle estrangeiro. A região em disputa acabou em mãos brasileiras após o fechamento das vias fluviais, a ocupação da região pelo Exército brasileiro e a compra do Syndicate pelo governo brasileiro por 110 mil libras. Em 17 de novembro de 1903, o barão do Rio Branco firmou com o representante plenipotenciário da Bolívia o Tratado de Petrópolis, pelo qual a região do Alto Acre se tornou oficialmente parte do território brasileiro, em troca de uma indenização à Bolívia (dois milhões de libras esterlinas), da cessão de terras no Mato Grosso e da promessa de construção da ferrovia Madeira-Mamoré, que criaria um

canal de escoamento da produção boliviana para o Atlântico. Infelizmente, por conta de problemas técnicos, administrativos e financeiros, a construção da Madeira-Mamoré levou cinco anos, sendo concluída apenas em 1912, ou seja, dois anos após o ciclo da borracha haver terminado.

Felipe Tâmega Fernandes

FONTES: BELTRÁN, C. *Exploración* (v. 61); CARVALHO, C. *História*; CORTESÃO, J. *Alexandre*; FERNANDES, F. *Institutions*; FIFER, J. *Empire*; REIS, A. *Amazônia e a cobiça*; REIS, A. *Amazonia que os portugueses*; REIS, A. *Expansão*; REIS, A. *Limites*; REIS, A. *Portugueses*; RICUPERO, R. *Rio Branco*; SANTOS, R. *História* (v. 3); SERIER, J. *Barons*; STANFIELD, M. *Red*; TAMBS, L. *Rubber* (p. 254-273); WEINSTEIN, B. *Amazon*.